

Gestão Ambiental e Sustentabilidade nas TERRAS INDÍGENAS DA CAATINGA



Boletim Informativo CGGAM n. 04 - 2019

APRESENTAÇÃO

O Boletim Informativo “Gestão Ambiental e Sustentabilidade nas Terras Indígenas da Caatinga” apresenta iniciativas realizadas em cinco Terras Indígenas localizadas no Bioma Caatinga: Tingui-Botó, Pankararu, Xukuru-Kariri, Wassu-Cocal e Caiçara/Ilha de São Pedro, que articulam práticas de gestão ambiental com produção sustentável. O objetivo desta publicação é divulgar essas iniciativas mostrando como ações comunitárias simples podem contribuir com a sustentabilidade da Caatinga, que é o bioma brasileiro menos conhecido, protegido e pesquisado. De acordo com dados do Ministério do Meio Ambiente, apenas 8,4% de sua área são áreas protegidas e cerca de 45% do bioma é desmatado.

A Caatinga, “Mata Branca” na origem Tupi, é o único bioma exclusivamente brasileiro, que abriga cerca de 28 milhões de pessoas e ocupa 844 mil quilômetros quadrados (11% do território nacional) nos estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia e Minas Gerais. A população indígena na Caatinga é em torno de 90 mil habitantes de 45 diferentes povos, em 36 Terras Indígenas. O bioma possui vegetação adaptada ao clima semiárido, é heterogêneo, rico em biodiversidade e possui um patrimônio biológico não encontrado em nenhum outro lugar do mundo. Pode-se afirmar que a Caatinga é a região semiárida mais rica em espécies do mundo.¹

Essa grande riqueza se reflete também na diversidade cultural e no potencial criativo da população que habita a Caatinga, notadamente os povos indígenas, cujos territórios se destacam na conservação desse importante bioma.

“Os territórios indígenas cumprem papel central na conservação do Cerrado e da Caatinga e conectam diferentes biomas do país. Prestam importantes serviços ambientais como a manutenção de recursos hídricos, contenção do desmatamento e redução das emissões de carbono na atmosfera. Além de serem responsáveis pelas áreas protegidas mais bem conservadas nesses biomas, os povos desses territórios são detentores de conhecimentos e de práticas tradicionais de manejo, recuperação e conservação dessa biodiversidade.”²

É, portanto, de grande relevância compreender e divulgar práticas indígenas de produção sustentável e gestão ambiental que se destacam como alternativas de geração de renda, fortalecimento cultural e proteção territorial e ambiental, dando visibilidade à Caatinga como espaço de persistência, criatividade, diversidade e beleza: como espaço de vida.

A “Carta dos Povos Indígenas do Cerrado e da Caatinga”, publicada durante o Seminário “Desafios da Gestão Territorial e Ambiental das TIs dos Biomas Cerrado e Caatinga”, realizado em Brasília, no mês de setembro de 2018, indica a necessidade de valorizar os produtos da sociobiodiversidade, incentivar a implantação de sistemas agroecológicos e quintais produtivos, conscientizar sobre uso de agrotóxico e estimular produção agroecológica, entre outras demandas dos povos indígenas do Cerrado e da Caatinga para os gestores públicos. Posto isso, compreendemos que a divulgação de práticas indígenas de produção sustentável e gestão ambiental colabora para o atendimento dessas demandas, fortalecendo as experiências e multiplicando os saberes.

“Essa mata tem uma importância muito grande, por isso que toda vida nós lutamos pra ficar aqui e aqui nós estamos.”

Dona Neném
(PGTA Tremembé)



PRODUÇÃO SUSTENTÁVEL EM

WASSU-COCAL³

A Terra Indígena Wassu-Cocal localiza-se no estado de Alagoas, distribuída em 4 municípios diferentes, totalizando 11.842 hectares de terra delimitados.⁴ O Povo Wassu soma 2.018 pessoas (Sesai, 2014) e tem sua produção para autoconsumo baseada nas culturas de milho, feijão e batata-doce, produzindo também mel, frutas e mandioca para geração de renda.

Apesar de pertencer ao bioma Mata Atlântica, o que a difere das outras Terras Indígenas que compõem esta publicação sobre a Caatinga, a Terra Indígena Wassu-Cocal é referenciada por dispor de exitosa prática de produção sustentável, decorrente da produção de mel, e pela multiplicação bem-sucedida do conhecimento acerca da realização dessa atividade na Terra Indígena Caiçara/Ilha de São Pedro (Porto da Folha - SE).

A partir da busca pela conservação das nascentes em Wassu, surgiu o trabalho de reflorestamento, com o plantio de árvores melíferas, dando sustentação à apicultura. A produção de mel é hoje uma das principais fontes de geração de renda para Wassu-Cocal e vem se desenvolvendo juntamente com o empenho da comunidade. São sete ou oito pessoas que trabalham diretamente com a apicultura e outros envolvidos que trabalham com o envasamento e a venda do produto. Além disso, jovens indígenas interessados em desenvolver a atividade passarão por capacitação.

O reflorestamento visa à preservação⁵ de antigas áreas utilizadas para plantio de cana de açúcar: a florada alimenta as abelhas e as madeiras das plantas são aproveitadas como estacas. Desse reflorestamento, proporciona-se água de qualidade e mel. A relação preservação de nascentes-reflorestamento-apicultura, que se configura como um conjunto sustentável de atividades, “não é tão complexa assim, a gente que trabalha com meio ambiente procura associar uma coisa a outra”, afirma seu Carlinhos, produtor indígena referência na produção do mel na Terra Indígena.

“ Não olhamos tanto o quanto ganhamos, é mais o trabalho de conservação. As caixas estão instaladas principalmente nas regiões onde tem nascente. O nosso trabalho é reflorestar as nascentes. Porque as abelhas não vão beber água suja. Se a gente não gosta, imagine elas, que estão lá no meio ambiente. Proteger as nascentes para fazerem uma água de boa qualidade para as abelhas. ”



O mel de Wassu-Cocal tem grande reconhecimento, tanto na comunidade quanto fora dela. Parte da produção é vendida dentro da própria comunidade, que utiliza o mel como matéria-prima para produção de remédios tradicionais, como, por exemplo, o lambedor. Outra parte do mel é vendida já engarrafada às margens da BR 101.⁷ E outra parte é vendida para fora, no atacado, a comerciantes dos municípios de Joaquim Gomes-AL e de Maceió-AL.

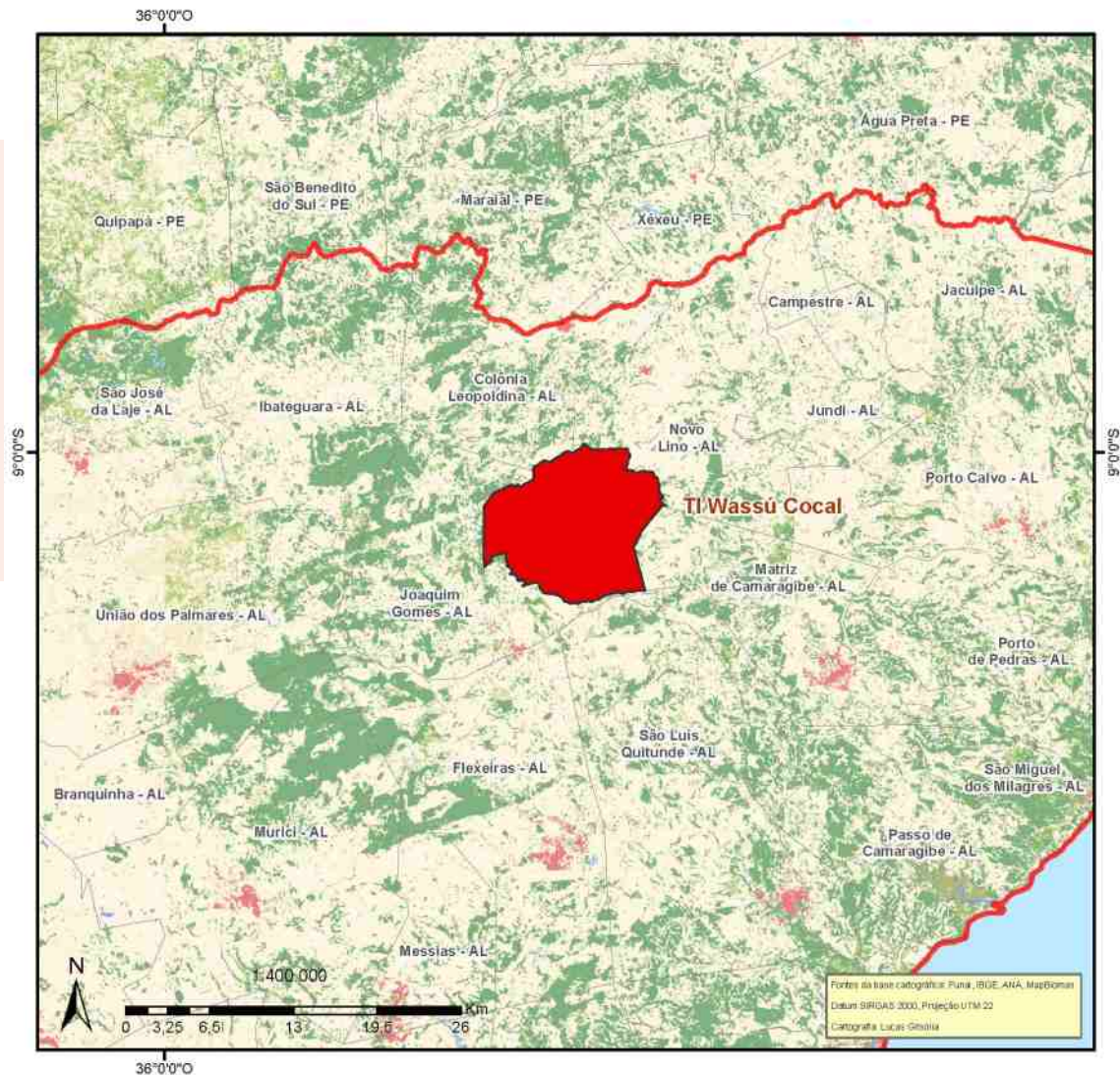
A qualidade atribuída ao mel de Wassu atrai grande procura pelo produto, que muitas vezes não é totalmente atendida; “falta produto pra vender”, diz seu Carlinhos. Ele explica que essa fama do mel decorre da florada diferenciada da árvore Sabiá. A Sabiá, também conhecida como Sansão-do-campo, possui pólen riquíssimo, o que reflete na alta qualidade dos produtos.

A coleta do mel se dá na época de florada, que ocorre entre os meses de novembro e abril. A quantidade de mel produzida varia de safra para safra. Nos anos de 2018 a 2019, foram retirados 3.200 quilos de mel. Na entressafra, as pessoas que trabalham com o mel investem o que ganharam, a partir das vendas do mel, na agricultura e na criação de animais para consumo próprio. Ao falar sobre a entressafra, seu Carlinhos nos chama a atenção para a sabedoria das abelhas, que “nos ensinaram a produzir, a guardar, para depois se alimentarem. Fazem mel na época da florada e guardam o mel para se alimentarem na época da entreflorada. Então, tem quem vende aqui algo a mais e guarda um trocadinho, e tem outras atividades, como o plantio, criação de animais. Uma galinha, uma ovelha, um porco”.



TI Wassu-Cocal

Contexto Regional



Legenda

- TI Wassu Cocal
- Terras Indígenas
- Limites Estaduais
- Limites Municipais

Fonte da base cartográfica: Puma, IBGE, ANA, MapBox.com
 Datum: SIRGAS 2000, Projeção UTM 22
 Cartografia: Lucas Gehlha



Gestão Ambiental e Sustentabilidade nas Terras Indígenas da Caatinga

Ficha Técnica

Pesquisa, Redação e Organização:

Vera Olinda Sena Paiva
Clara Teixeira Ferrari
Lucas Guimarães Grisolia
Gabriel Silva Pedrazzani
Fernanda Tibana Machado
Leiva Martins Pereira
Marcos Sabarú (Tingui Botó)

Entrevistados:

Marcos Sabarú (Tingui Botó)
Ricardo dos Santos (Xocó)
Carlos Gomes de Freitas (Wassú)
Franklin Melo Freitas (Xokó)
Celso Xukuru
Gecinaldo Xukuru-Kariri

Colaboradores:

Marcelino Soyinka Dantas – CR NE I
Francimar da Silva Albuquerque – CR BSF
Denisval Diniz Botelho – CR NE I
Gilberto da Silva – CR NE I

Realização:

Fundação Nacional do Índio – FUNAI

- Diretoria de Promoção ao Desenvolvimento Sustentável – DPDS
- Coordenação Geral de Gestão Ambiental – CGGAM
- Coordenação Geral de Promoção ao Etnodesenvolvimento – CGETNO
- Coordenação Regional Nordeste I
- Coordenação Regional do Baixo São Francisco

Mapas:

Lucas Guimarães Grisolia

Revisão Textual:

Fernanda Tibana Machado

Fotos:

Wassu-Cocal © Gilberto da Silva

Projeto Gráfico:

Marli Moura - Sediv/Cogedi/CGGE

Referências

¹ LEAL, Inara R. TABARELLI, Marcelo. SILVA, José Maria C. (Ed). Ecologia e conservação da caatinga. Ed. Universitária da UFPE, 2003.

VASCONCELOS, Jorge. Plano de divulgação do bioma Caatinga. MMA: Brasília, 2011.

² Carta dos Povos Indígenas do Cerrado e da Caatinga – Desafios para a Gestão Ambiental e Territorial das Terras Indígenas. Set/2018. Disponível em: <http://www.funai.gov.br/index.php/comunicacao/noticias/5058-carta-dos-povos-indigenas-do-cerrado-e-da-caatinga-desafios-para-a-gestao-ambiental-e-territorial-das-terrasindigenas?limitstart=0#>

³ Texto elaborado em diálogo com o apicultor indígena, da Terra Indígena Wassu-Cocal, Carlinhos.

⁴ Terra Indígena Delimitada: etapa do Processo de demarcação de Terra Indígena em fase de contraditório ou em análise pelo Ministério da Justiça. Etapas do Processo de Demarcação: i) Estudos de identificação e delimitação; ii) Contraditório administrativo; iii) Declaração dos limites; iv) Demarcação física; v) Levantamento fundiário de avaliação de benfeitorias implementadas pelos ocupantes não-indios; vi) Homologação da demarcação; vii) Retirada de ocupantes não-indios; viii) Registro das terras indígenas na Secretaria de Patrimônio da União.

⁵ A atividade de reflorestamento conta, atualmente, com 20.000 mudas plantadas.

⁶ Fala do seu Carlinhos.

⁷ A BR 101 perpassa a Terra Indígena Wassu-Cocal e está sendo duplicada atualmente, o que vem causando impacto na TI. Está em andamento a execução de um PBA-CI (Plano Básico Ambiental – Componente Indígena), para mitigação dos impactos da obra, com previsão de apoio às atividades produtivas da TI Wassu-Cocal.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI
SCS Q. 9 - Ed. Parque Cidade Corporate - Torre B
Telefones: 3247-6815 / 3247-6636 / 3247-6729
Brasília-DF - 70308-200



MINISTÉRIO DA
JUSTIÇA E
SEGURANÇA PÚBLICA

